Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



MARIA PAULA REGRESSA AO CINEMA, INTERPRETANDO O PAPEL DE «AMÁLIA» NO FILME «O PÁTIO DAS CANTIGAS» (PROD. A. L. R.)

2.ª SÉRIE — N.º 49 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 13 DE OUTUBRO DE 1941 — PREÇO 1$50

IMAGENS INÉDITAS DO CINEMA PORTUGUÊS 2

«ANIMATÓGRAFO» desencantou nos seus arquivos estas «históricas» fotografias de trabalho



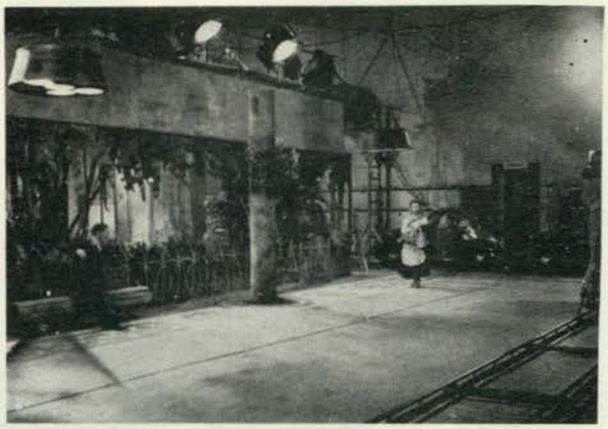
7 – GADO BRAVO (1933). Uma das primeiras fotos. Em casa de Julio Vicente Ribeiro filma-se a prova dum dos candidatos ao papel de Manuel Garrido. Sentados, Arthur Duarte e Max Nossek e por detrás dêste Vicente Ribeiro. À câmara, o operador Manuel Luís Vieira. Olly Gebauer contracena com o candidato.



8 — BOCAGE (1936). No Senhor Roubado, Leitão de Barros dirige uma cena do seu 3.º filme sonoro. A seu lado Juvenal de Araujo e Arthur Duarte, que foram dois dos seus mais directos colaboradores.



9 — MARIA PAPOILA (1937). O último documento foto-cinematográfico em que se encontra o saudoso comediógrafo Lino Ferreira. Sentado ao lado de Leitão de Barros, está Arthur Duarte, de visita à Tobis.



10 — MARIA PAPOILA (1937). Uma foto que patenteia uma parte do complexo cinematográfico. Um quarteirão da Avenida da Liberdade foi reconstituído no Estúdio da Tobis. Nada falta para que a ilusão seja perfeita. Ao fundo, Mirita Casimiro prepara-se para entrar em cena.



11 — REVOLUÇÃO DE MAIO (1937) António Ferro, director do Secretariado de Propaganda Nacional, assiste a uma filmagem desta produção. Junto da câmara, António Lopes Ribeiro, encontrando-se por detraz dêle, seu pai, Manuel Ribeiro. À direita, o assistente de operador Fanto, que agora se encontra no Brasil e o operador Isy Goldberger



12 — Para o mesmo filme, Maria Clara e António Martinez interpretam uma cena junto ao edifício da Maternidade Alfredo Costa. Acompanhando o andamento do **charrict** vê-se, entre outros, António Lopes Ribeiro e o eng. Bernaldez, operador de som.

2.ª série / N.º 49 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - ua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

13 de Outubro de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

Poderá o convénio cinematográfico nacional, recentemente criado no Brasil, facilitar naquele País a carreira dos filmes portugueses?

Renato de Alencar, que assina os editoriais da «Cena Muda», ocupa-se, num dos últimos números, do problema do cinema brasileiro, em face dos exibidores do seu país e expõe, com clareza e desassombro, uma série de factos, que êle considera responsáveis pelo atraso da indústria fílmica, na grande nação Irmã.

Da leitura dêsse artigo depreende-se que o maior obstáculo que se opõe ao progresso do Cinema Nacional reside na impossibilidade da amortização do custo do filme, uma vez que os exibidores só os contratam a percentagens extraordinàriamente baixas, ficando, dêste modo, com a parte de leão das receitas que êsses mesmos filmes acumulam nas bilheteiras dos cinemas brasileiros.

O problema é puramente local — e afigura-se-nos de fácil solução. Para o estudar e resolver, se fundou o Convénio Cinematográfico Nacional. E porque a criação de tal organismo pode interessar ao Cinema Português — é essa a razão porque, sôbre o assunto, queremos bordar algumas considerações.

A exibição, indústria parasitária da produção

A indústria de exibição no Brasil está pràticamente na mão de dois ou três «trusts» cinematográficos. As organizações citadas dividem e agrupam, entre si, nos diversos Estados — mormente naqueles onde o negócio é remunerador — os cinemas, que pela sua categoria e lotação, são susceptíveis de dar rendimentos avultados. Foi esta situação que levou a Metro, por exemplo, a construir a sala que tem o seu nome, pois os «circuitos», se bem que sejam rivais e concorrentes, entendem-se para fixar as condições de aluguel dos filmes, em números ruinosos para os distribuidores.

A base de tôda a questão — escreve Renato Alencar — está na desproporção entre o trabalho e o capital empregado na confecção de películas longas ou curtas, a péssima remuneração obtida pela exibição dêsses filmes. E acrescenta:

«Só mesmo aqueles que estão morando no assunto, conhecem a tragédia de produtores e distribuidores. Imaginem os leitores que, um dêsses «jornais» brasileiros só vêm a produzir lucro depois de quási dois anos de curso por todo êsse Brasil. Os filmes de longa metragem, pela mesma forma, não compensam o dispêndio de dinheiro e energia na rodagem dos mesmos. O povo fica de testa franzida sem compreender como, depois de vitórias como a «Bonequinha de Seda» e «Aves sem Ninho», os seus reais fautores — Oduvaldo e Roulien — ao invés de se firmarem para outros triunfos, se afastam da profissão de produtores e procuram outras searas onde empregar a sua inteligência e actividade».

Se Oduvaldo Viana e Raul Roulien insistissem em produzir novos filmes — diz-nos o articulista — «dentro de alguns meses estariam catando chinelo no lixo»...

E, mais adiante, escreve:

«Ora, numa situação destas, como se esperar que haja progresso material e artístico no cinema brasileiro? É preciso repetir-se mais uma vez: a cinematografia é uma indústria de milionários, e, em se tratando de uma nação pobre como é a brasileira, cujos recursos financeiros são restritos e sem nenhum amparo na organização bancária, para crédito fácil e barato, o caso chega a ter sensação de aventuras.

«Além disso, a taxa, paga a título de aluguel de filmes, é positivament uma infâmia, revelando o mais incongruente sistema de explorar o trabalho alheio. É tão ridícula, que se torna odioso privilégio de uma classe — a dos exibidores — contra outra: a dos produtores. Daí, êste contrasenso: ao invés de a produção beneficiar o seu executor, vai beneficiar o exibidor, esmagando a iniciativa alheia com o rôlo compressor de imposições mesquinhas.

«Eis a razão por que, enquanto os donos dos cinemas enriquecem, os produtores se arrastam na penúria, mantendo laboratórios e estúdios como os pelicanos aos seus filhos: arrancando as entranhas do próprio corpo, segundo a velha lenda».

O intercâmbio cinematográfico português-brasileiro tem que ser mais do que uma aspiração

Tal estado de coisas não podia, de facto, continuar. Assim, entenderam os produtores e os distribuidores do Rio de Janeiro e de S. Paulo, que apelaram para os poderes públicos, por intermédio das entidades competentes.

Lourival Fontes, Director do Departamento da Imprensa e Propaganda, delegou no Director da Divisão do Cinema e Teatro, daquele organismo, a solução do assunto. E formou-se, desta forma, o Convénio Cinematográfico Nacional, que vai pôr côbro a lucros gananciosos, que impedem o seu desenvolvimento e a prosperidade duma indústria de interêsse nacional.

Como se sabe, a carreira dos filmes portugueses no Brasil, tem sido dificultada por factos análogos aos apontados por Renato de Alencar. Daí, a circunstância dos nossos filmes se exibirem em condições desvantajosas e até a de não haver quem se interesse por êles, a menos que se vendam ou aluguem, por preços irrisórios.

No entanto, Portugal e Brasil, pelos laços fraternos que ligam os dois Países; pela comunidade da língua; pela política de aproximação, cimentada pelos governos de Carmona, Salazar e Getúlio Vargas — deveriam manter um intercâmbio cinematográfico e constante, de que beneficiariam as indústrias respectivas, por verem aumentado um mercado, que nunca é grande em demasia, por mais vasto que seja.

Sabemos que António Ferro e o dr. Lourival Fontes, os prestigiosos directores do S. P. N. e D. I. P., trocaram impressões sôbre o assunto. Fazemos votos porque hajam chegado, como parece, a resultados práticos e concludentes. Pela nossa parte, gostaríamos que os filmes brasileiros se exibissem em Portugal correntemente, e que os nossos filmes, cortadas as cadeias que se opõem à sua livre entrada na Nação Irmã, fôssem projectados nas telas de todos os Estados.

Não se compreende, de facto, que exibindo-se em Portugal tanta «sucata» estrangeira, não vejamos as boas produções brasileiras. E que havendo filmes portugueses inéditos no Brasil, êles encontrem dificuldades, más vontades e desinterêsse, que obstam a que sejam revelados às platéias daquele País. Tais factos não jogam certo com as demonstrações de afectos reveladas, apregoadas e demonstradas por transcendentes realidades, entre os dois povos.

Oxalá o Convénio Cinematográfico Nacional, melhorando as condições de exibição dos filmes produzidos nos estúdios do Rio de Janeiro, possa, implìcitamente, fazer alguma coisa no sentido de facilitar a carreira das produções portuguesas, num País, a que estamos ligados por laços de sangue indestrutíveis.

FERNANDO FRAGOSO

Títulos ilustrados



«O génio do crime»

Animatógrafo apresenta

Os principais intérpretes de «SUNNY» A PRINCESA DO CIRCO

por A. DE CARVALHO NUNES



Anna Neagle e John Carroll na cena da comédia musical «Sunny, a princesa do circo», em que a distinta actriz canta uma canção que se popularizou: «Who-oo-oo stole my heart away?»

ANNA NEAGLE

Eu sou a Sunny. Também me chamam a Princesa do Circo, mas devo dizer que quem induziu o público a reconhecer os meus direitos à coroa, se acaso os tenho, foi Bunny Billings.

Éste Billings é o melhor dos empresários, com um pequeno senão: o seu temperamento romântico, excessivamente romântico.

Não obedecerá êle antes à tradição do empresário se apaixonar forçosamente pela primeira figura da companhia?

Confesso que ainda não tive tempo de resolver o problema, de esclarecer «a horrível dúvida», como êle diz nos dias em que não há sol.

E, afinal, ei-lo causador do romance mais bonito de tôda a minha vida. Que digo eu? Do único!

Quando me disse que as minhas canções, os meus bailados iriam dar um brilho invulgar às festas do carnaval de Nova Orleans, pensei que estava a ensaiar frases para a publicidade, mas a ideia sorria-me.

Já em pequenina gostava de me mascarar e depois, pela vida fora, achei prudente conservar êste costume, só para não me sentir deslocada no convívio das outras pessoas.

Ora o Larry, original em tudo, apareceu-me sem máscara em pleno carnaval, e isso desnorteou-me.

A curiosidade nos homens é um desporto cultivado sem convicção, sem espírito de sacrifício... Na mulher, é um sentimento.

O Larry intrigou-me. O senhor Larry Warren, jovem milionário, altamente colocado, e socialista ferrenho; estouvado, fútil, e ao mesmo tempo sentimental como um rapaz que vê uma mulher pela primeira vez a sorrir-se para êle — tudo isto causou profunda confusão no meu espírito.

E quis saber. Pouco adiantava para mim a maneira como o definiam: um inconformista.

Aproximei-me do Larry, entregue ao meu velho jôgo de levantar a máscara, de gritar entusiasmada: — Bem te conheço!

Mas como disse, o Larry não se mascarou para mim.

Então pensei que, se uma pessoa se esquece de pôr a máscara deve haver um motivo muito forte para tal despropósito.

E fiquei aturdida quando dei por mim longe, muito longe de Nova Orleans, num palácio encantado, lá no alto, para além das núvens, muito pertinho do céu...

JOHN CARROLL

Se eu desse ouvidos à minha irmã, então é que me fazia socialista a sério: dava metade da minha fortuna ao jardineiro e a outra metade distribuia pelos pobres da Luisiana.

Ao jardineiro impunha apenas a condição de plantar um grande jardim, muitos jardins e grandes, muito grandes — porque o mundo cada vez está mais feio.

Tinha feito um gesto à altura das minhas convicções brilhantes mas algo artificiais. Sobretudo livrava-me das execrandas obrigações da sociedade. Porque no fundo a minha irmã tem razão; ando a representar o papel de lord excêntrico, o que me aborrece.

Isto tudo pensava eu antes de conhecer a Sunny.

A Sunny veio desfazer o futuro do meu jardineiro.



Paul e Grace Hartman, bailarinos de grande classe, num momento engraçadíssimo do novo filme de Anna Neagle

Dá-me vontade de rir ver-me alvo de tôdas as conversas, eu que detesto exibicionismos.

Fui longe de mais? Só sei que se agora parasse era um desastre — capotava.

Se a vida inteira, fôsse um carnaval reconhecido oficialmente, tudo correria no melhor dos mundos, e o enlace da princesa do circo com o rei dos paradoxos ficava mesmo a carácter...

Mas sabe-se que não é assim. Creio mesmo que Nova Orleans exagera um pouco dedicando ao
A Sunny veio desfazer o futuro do meu jardineiro.
carnaval dezanove dias. Ainda ficam tresentos e quarenta e sete, na hipótese pèssimista do ano ser bissexto, para arrastar o meu tédio pelos clubes e outras casas obrigatòriamente divertidas.

Que admiração que eu gritasse: Aleluia! Aleluia! quando a Sunny começou a cantar, a dançar, a ser ela a minha ocupação, a minha primeira preocupação...

E agora? Que dirá a minha irmã, os amigos, as amigas — as amigas serão certamente as últimas a perdoar-me!

Porque estou decidido a, uma vez na vida, fazer a minha vontade.

A Sunny, já se vê, abdica, deixa o circo, e cantará só para mim aquela deliciosa canção «Who?».

Mas antes do barco levantar as velas e singrar pelo mar fora, um mar azul celeste, um mar de rosas, tenho que vencer o dragão que não deixa ninguém aproximar-se da Sunny encantada pela fada má da maledicência.

Para tanto conto com a minha tia Bárbara.

Foi com ela que sempre me entendi. Deus me perdôe se a tia não é também *socialista* — como eu...

O CARNAVAL

Desculpas de mau pagador são as que dá a mocidade quando quere satisfazer o seu irrepreensível desejo de se divertir.

Abusam do meu ar paternal e fazem-me apadrinhar más acções, mas fiquem sabendo, duma vez para sempre, que não sou eu que as provoco.

Bem entendido, não me esqueço de Nice, nem do Rio de Janeiro. Mas tenho uma certa predilecção por Nova Orleans.

Venho aqui há já cem anos e volto sempre rejuvenescido.

(Conclui na pág. 6)

PANORÂMICA

UMA FÁBULA

Olavo Eça Leal contou há dias ao microfone da Emissora Nacional uma verdadeira fábula extraída das suas aventuras de locutor. Disse êle que um belo dia recebeu um postal de determinado ouvinte protestando contra a forma como anunciava o sinal horário das 17 horas: «O sr. pronuncia *dezassete-i-horas!* Para quê o i entre as duas palavras? Não há direito!» Etc. No dia seguinte, Olavo disse: «São *dezassetoras*». Logo outros ouvintes protestaram: «Que ideia é essa de ligar as duas palavras, como se pudesse usar o apóstrofo?! Que faz o sr. ao h?! Vá aprender gramática!» Etc. Olavo resolveu então dizer: «São dezassete... horas». Surgiram então protestos indignados de outros ouvintes, que o acusavam de afectação, preciosismo idiota, snobismo, e quejandos defeitos.

Olavo começou a ficar aflito da vida. Matutou no caso e por fim descobriu uma maneira de evitar o desagrado de gregos e troianos. Nesse dia anunciou o sinal horário assim: «São horas: dezassete!» Oh diabo que tal fizeste! Choveram cartas, reclamações, impropérios: «Que fantasia é essa? Por que não há-de anunciar as horas como tôda a gente?! O sr. é tôlo, pelo menos!» Etc. No dia seguinte depois do sinal que marca as cinco horas da tarde precisas, Olavo anunciou apenas: «Meus senhores: são horas!»

Transcrevemos aqui a fábula de Olavo Eça Leal por nos parecer que tem perfeita aplicação ao que se passa entre certas pessoas e os filmes portugueses.

«O MUNDO A SEUS PÉS»

No passado dia 10 do corrente, à tarde, a Rádio Filmes, Ld.ª, apresentou, no Tivoli, a alguns jornalistas e outros convidados o célebre filme de Orson Welles «O Mundo a seus pés» («Citizen Kane»), que será brevemente estreado naquele cinema.

Trata-se de uma das mais interessantes obras que têm saído dos estúdios americanos, debaixo de todos os aspectos — uma obra audaciosa e ambiciosa, que certamente vai fazer sensação, em especial se o público português fôr suficientemente preparado para a sua exibição por meio de uma publicidade informativa e esclarecedora. Na altura da sua estreia dedicaremos ao filme excepcional de Orson Welles a atenção que merece, quer pela sua concepção, quer pelo seu alcance, quer pela sua realização, em que se encontra muita coisa fora do vulgar.

A René Beja, gerente da Rádio Filmes, Ld.ª, «Animatógrafo» agradece os convites enviados para a ante-estreia de «O Mundo a seus pés».

NACIONAL FILMES

Recebemos da conhecida firma distribuidora Nacional Filmes a lista do primeiro grupo da programação para 1941-1942. «Oito filmes de classe!» anuncia a referida lista. De facto, conforme verificámos, há oito películas que supomos destinadas a ter êxito, tanto comercial como artístico. Há, ainda, um filme extra-programação: «A batalha do rio da Prata». Os outros como, por exemplo, «Escândalo na cidade», «21 Dias», «Os Planos Q», «Ilusões Perdidas» e «Ginger é Bom Rapaz» têm bons nomes de cartaz, no elenco e na lista do pessoal técnico. Entre os realizadores contamos Erich Pommer e Tim Whelan, além doutros; entre os artistas, Edward G. Robinson, Lawrence Olivier, Vivien Leigh, Conrad Veidt, Ralph Richardson, Charles Laughton, Elsa Lanchester, etc.

Agradecemos à Nacional Filmes a lista que nos enviou.

O CINEMA E A BOLA

Não é possível acusar o autor destas linhas de animosidade ou sequer de indiferença pelas coisas do desporto. A primeira vez que atravessou a fronteira do seu país não foi, como poderia supor-se, para visitar estúdios cinematográficos, mas... para ver um desafio de futebol: o I Portugal-França, que se jogou em Tolosa, no mês de Abril de 1926... Fundou em 1931, com Mimon Anahory, um semanário desportivo que deu que falar: «A Bola»... E não lhe seria difícil invocar outras provas do seu interêsse militante pelas coisas do estádio, em paralelo com as do estúdio, se estas duas não bastassem para demonstrar que as linhas que vão seguir-se não são ditadas por vislumbre de espírito sectário, mas sim por pura e simples visão das realidades.

Pôsto isto, formulemos uma pregunta:

¿Porque será que a nossa imprensa diária dá muito mais importância às notícias desportivas que às notícias cinematográficas?

Há várias maneiras de responder a tal pregunta, de aparência inofensiva. Os mais apressados disparam logo esta réplica de estalo: Porque o desporto tem muito mais adeptos que o cinema e os jornais satisfazem assim um maior número de leitores.

E nada haveria a acrescentar ou refutar — se na verdade... AS COISAS NÃO FÔSSEM EXACTAMENTE AO CONTRÁRIO!

Senão, vejamos.

A única maneira de avaliar o interêsse suscitado por qualquer manifestação pública, espectáculo ou seja o que fôr, consiste em calcular o número de indivíduos que essa manifestação atrai.

De tôdas as modalidades desportivas, é sem dúvida o futebol aquela que reúne em Portugal maior número de adeptos, a uma distância astronómica de qualquer outra. O futebol só se pratica no entanto durante nove meses em cada ano, pois os rigores estivais o forçam a um higiénico defeso. E não há dúvida que é em Lisboa que se realizam os desafios mais apaixonantes, aquêles que mais interessa aos jornais relatar com aparato.

Ora, por maior que seja a nossa boa vontade, não é possível avaliar em mais de 30.000 o número de pessoas da capital que «em média» se deslocam todos os 40 domingos da temporada até aos campos de jogos. Isso perfaz um total de 1.200.000 lugares vendidos em Lisboa cada ano, número que, generosamente, elevamos a 2 MILHÕES, para abrangermos as restantes modalidades desportivas (box, hockey, atletismo, natação, etc.).

Contraponhamos agora a êstes os números do cinema, restringindo-nos exclusivamente a Lisboa.

Entre grandes e pequenos contam-se na capital 35 cinemas, que, pràticamente, funcionam TODOS OS DIAS, contra meia dúzia de campos de jogos, dos quais dois, quando muito, conseguem concentrar, SÓ AO DOMINGO, as multidões desportivas avaliadas acima. Êsses 35 cinemas (contando as «matinées», que um terço dêles dá todos os dias, e os restantes três vezes, duas vezes ou uma vez por semana) totalizam em cada sete dias cêrca de 350 sessões. As lotações, muito variáveis, oscilam entre 500 e 1.800 lugares, sem falar no Coliseu dos Recreios. Mas, sem optimismo, sabido que ao sábado e ao domingo a influência é muito grande em todos êles, é possível estabelecer uma média de 500 pessoas por espectáculo e por cinema.

Fazendo as contas, obtem-se para Lisboa uma freqüência semanal de 175.000 espectadores «habituais» de cinema, contra os 30.000 espectadores «habituais» de futebol. Favoreçamos êste último, quási dobrando os pés pela cabeça, e digamos que 50.000 lisboetas acompanham com interêsse especial as coisas da bola e reduzamos a 150.000 o número de «alfacinhas» que freqüentam com assiduïdade o cinematógrafo. Mesmo assim, seriam TRÊS VEZES MAIS!...

E o número de bilhetes vendidos por ano, êsse é famoso: multiplicando a freqüência semanal pelas 52 semanas do ano, obtêm-se, números redondos e reduzidos — OITO MILHÕES, contra os dois milhões deduzidos acima.

Isto só para Lisboa. Entrando em linha de contra com o Pôrto e com a Província, a diferença dos resultados é de tal forma esmagadora que chega a parecer impossível que as administrações dos grandes cotidianos não tenham entrado com ela em linha de conta para industriarem convenientemente as respectivas redacções.

Pois continua-se — e muito bem — a dar o maior relêvo aos desafios de domingo. Enviam-se, para os relatar e comentar, críticos competentíssimos, fotógrafos especializados, que chegam a ver os seus instantâneos reproduzidos na primeira página. Os «azes» da bola têm direito à publicação gratuita do seu retrato acompanham-lhe a carreira e os pontapés com autêntico e legítimo carinho, fazendo a mais ampla propaganda dos clubes, que nunca deram um só anúncio, moeda de excelente cotação nos domínios da rotativa.

E continua-se — e muito mal — a não ligar nenhuma ao cinema, nem aos que o fazem, nem aos que o exploram, nem aos que o freqüentam, a-pesar-de exibidores e distribuïdores gastarem conjuntamente, em anúncios nos jornais, cêrca de DOIS MIL CONTOS POR ANO!

Se isso está certo, e é lógico, e é «comercial» da parte dos insignes potentados — a matemática é uma batata.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

NOTÍCIAS DA EUROPA

ESPANHA

Os filmes de curta metragem estão na ordem do dia
A produção mexicana chega a Espanha

É um caso já bem conhecido — dêle temos feito referência freqüentes vezes neste mesmo local — o desenvolvimento excepcional que ùltimamente tem atingido o cinema espanhol, onde as casas produtoras são já em número elevado, tôdas trabalhando num tal ritmo que não é raro os actuais estudios não conseguirem dar vazão aos filmes prontos a entrarem em trabalhos de filmagem.



Tito Guizard interessou vivamente o público espanhol

O que não deixa de ser curioso é o facto de entre a produção de filmes de fundo, os chefes do cinema espanhol estarem a interessar-se e a acarinharem duma maneira pouco vulgar a realização de filmes de curta metragem.

As indicações que vamos dar a seguir, demonstram bem tudo quanto acabamos de dizer, dando-vos uma amostra do panorama actual das «curta metragens» espanholas. Nos estúdios Orphea, de Barcelona, Ufilmes está realizando uma série de «shorts» dirigidos por encenadores de categoria, como Edgar Neville, Lopez Rubio e Claudio de la Torre. Eis alguns títulos: «Luna de Sangre», «La Petenera», Manolo Reys», «Chufliya», «Loca de remate», Rosa de Africa», «La Parrala», de Neville, que concorreu à Bienal de Veneza, tal como «Boda em Castilla» de Garcia Viñolas, e «La Lima y el Limon», esta dirigida por Lopez Rubio e interpretada por Manuel Ligero, o popularíssimo cómico, e por sua mulher, Blanguita Pozas; «Chubillas», «Pregones de Embrujo» com Amalia de Isaura e Miguel Molina, «Cosas de Gitanos» e «Juan y Manuela», de ambiente madrileno, ao todo doze películas das quais mais de metade está já concluída.

Em Madrid, sob a direcção de Augusto Butler, que é também o autor do «decoupaje» e do comentário, realizaram-se os filmes de pequena metragem «Nocturno», interpretação cinematográfica de páginas musicais de Chopin, tocadas ao piano pelo músico José Maria Franco; «Cante jerezano», documentário de aspecto folclórico, em que aparecem Isabeleta de Jerez, Pepe Duran, Rosita Duran e o guitarrista Penio, *el del Lunar*; «Arcos de La Frontera», documentário sôbre aquele cidade andaluza e «El Caballo Cartajano». Todos estes filmes têm comentário musical do maestro Santander.

Também em Sevilha, para a Serva Films, o realizador Guzmán Merino dirigiu os complementos «Sucedio en Sevilla» e ««Viños de España». A estas, outras se seguirão à cadência de duas por mês, como ponto de partida para uma produção de grande metragem.

Ainda em Barcelona Juan Xiol Marchal, vai dirigir os seguintes assuntos curtos, interpretados por Glory Servy e intitulados «El Brujo», «Bhirola» e «Oasis de Amor».

Nas ilhas Canárias, e como motivo da Exposição que ali se vai realizar, foram produzidos quatro documentários dirigidos por Rafael Gil, que a Cifeza distribuirá. Esta mesma casa apresentará também dois documentários oficiais, um intitulado «Belchite», sôbre a reconstrução da povoação aragoneza do mesmo nome, destruída durante a guerra, e «El Salvamento de Buques», sôbre o salvamento de barcos afundados igualmente durante a guerra civil.

Gusman Merino, o realizador de «Sevillanas», curta-metragem que tem a interpretá-la Guilhermina Grisa e Aurea Carcís. É êste o primeiro filme da nova casa produtora de Sevilha, Rafa Films, que terá ainda os filmes curtos «Aceitunas Sevillanas», «Romeria de Balmes» e «El Deseado».

Como se vê é um movimento a que forçosamente tem de se ligar a importância que lhe é devida o do cinema de curta metragem em Espanha.

Triunfo do cinema mexicano

O êxito insofismável de «Alla en el Rancho Grande», interpretado por Tito Guizar, filme que por tôda a parte tem interessado extraordinàriameite, veio abrir as portas espanholas à produção mexicana. De facto, a casa Rey Soria, apresentou há pouco o filme «Jalisco nunca pierde», que com uma carreira magnífica se manteve no cartaz do Palacio de la Prensa, de Madrid e com preços elevados, cêrca de nove semanas, um verdadeiro «record».

A seguir a êste filme, aquela emprêsa apresentará em Espanha mais as seguintes produções saídas dos estúdios do México: «La Bestia Negra», Bajo el Cielo de Mexico», «El Muerto Murio», e dois outros filmes interpretados pelo popular cantor Tito Guizar, que em Hollywood foi já o intérprete de vários filmes para a Paramount — «Alla en el Tropico» e «Amapola del Camino», filmes que na América do Sul têm alcançado Grande êxito.

ITÁLIA

Os livros de Emilio Salgari adaptados ao Cinema
Artistas alemães nos estúdios italianos

Emilio Salgari, cujas obras, em que a aventura e o imprevisto, o heroismo e a audácia, se dão livre curso, deve ser sem dúvida, a par de Júlio Verne e de Fenimore Cooper, um dos mais populares escritores da gente nova, ansiosa de acção e de movimento.

Ao contrário do que tem sucedido com Verne e com Fenimore, Salgari não tem sido dos que mais tem entusiasmado os realizadores cinematográficos. Agora porém para até certo ponto pagarem essa dívida em aberto, os produtores italianos, seus compatriotas fizeram a sua descoberta cinematográfica. E como não há fome que não dê em fartura, nada menos de quatro filmes extraídos de livros daquele romancista estão prontos a ser exibidos.

A Sol Film concluiu há pouco «I Pirati della Malasia», dirigido pelo veterano encenador italiano. Eurico Guazoni, o homem de «Quo Vadis» e de «Cabiria». Interpretaram-no Massino Girotti, Camillo Pilotto, Clara Calamai, Greta Gonda, Sandro Ruffini, Luigi Pavese, Luiz Hurtado e Anita Farra. Também aquela mesma casa tem em montagem LE DUE TIGRI dirigido por Giorgio Simonelli, sensìvelmente com a mesma interpretação.

Por sua vez a Scalesa Film terminou outros dois filmes extraídos de duas obras daquele conhecido romancista: C A P I T A N TEMPESTA e IL LEON DI DAMASCO ambos dirigidos por Corrado D'Errico, e interpretados ambos pelo mesmo grupo de artistas, que incluem os nomes de Carla Candiani, Carlo Ninchi, Adriano Rimoldi, Doris Durantia, Dina Sassoli, Erminio Spalla. Do primeiro foi feita também uma versão espanhola.

Artistas alemães na Itália

A colaboração ítalo-germânica no ampo do cinema prossegue com interêsse. Vários são os artistas alemães que têm trabalhado ùltiammente nos estúdios de Itália.

Entre êles podem contar-se os nomes de Frederic Benfer, que foi o protagonista, com Paola Barbara, do filme «La Donna Senza Nome» da Enic; de sua ex-mulher, a conhecida Jenny Yugo que é a intérprete de «Non mi Sposo piu», de Enic também, Hans Stüve, em «Il Mercanti di Shiave»; Gustav Diessl, que com Paola Barbara aparece em «Il Bravo de Venezia», e por fim Carole Hohn que sob a direcção de Guido Brignone interpretou, ao lado de Giulio Donadio, Tina Satanzi, Elli Parvo, Osvaldo Valenti, Luigi Pavese e Sandro Ruffini o filme de ambiente histórico «Beatrice Cenci».

Além disso, o encenador Carl Boese, dirigiu, nos estúdios da Cinecittá, o filme «Alles für gloria», para a Dekka Film, com a artista italiana Laura Solari, e os actores alemães Johannes Rieman, Lizzi Waldmüller, Hans Fiedesser, Leo Slezat, A O. Hass e Herika Helmke.

O último filme de Gigli

Benjamino Gigli, o célebre cantor de ópera que entre as cinéfilas portuguesas conta numerosas admiradoras — «Bel Tenebroso» pode, melhor que ninguém, testemunhá-lo... — foi o intérprete para a Itala Film de MAMMA, que o realizador G.



Enrico Guazonni é o encenador que dirige «Quo Vadis»

Brignone dirigiu e em que, ao lado do famoso «divo» aparecem também a grande actriz italiana Emma Gramatica, os artistas alemães Carola Höbn e Frederico Benfer, Carlo Campini e Ugo Ceseri.



JEANETTE MAC DONALD

A insinuante e talentosa atriz-cantora que vem numa curva ascencional desde «O Rei Vagabundo» reaparece esta época numa deliciosa comédia musical da M. G. M.


A vida é um film....
filmar é revivê-la,
em absoluta realidade,
eternamente.....
Imprima movimento, acção, ritmo, aos vossos documentários fotográficos — e terá, assim, a «vida» tal qual ela decorre em cada instante. Um «Ciné Kodak Oito» tudo regista com facilidade, sem perda dum só pormenor. Milhares de pessoas em todo o Mundo têm já o seu «Ciné Kodak Oito» e estão obtendo os melhores resultados. Filmar constitue para elas uma das melhores diversões.
Não perca mais tempo. Adquira já o seu «Ciné Kodak Oito», filme os grandes momentos da vida, e, assim, revivê-la-á eternamente.
Ciné-Kodak 8
O aparelho de filmar para toda a gente
KODAK, LIMITED — 33, Rua Garrett — LISBOA

ENCONTROS E DESENCONTROS DO CINEMA PORTUGUÊS COM PORTUGAL

Para lá do MARÃO

por ACÁCIO LEITÃO

Para lá do Marão, creio que nunca foi o cinema português, senão, porventura, episòdicamente, colhendo breves fitas panorâmicas, de informação avulsa, da mais avulsa e ocasional observação.

A literatura novelesca foi até lá uma vez, com grande felicidade, dando-nos um dos famosos livros de Ferreira de Castro, «Terra fria», estudo flagrante, cheio de vibração, dos costumes, dos sentimentos, da terra e da gente da região-especimen de Montalegre.

Daria essa novela um grande filme, dramático, intenso, impressionante, com o seu violento embate de paixões e caprichos, de fragilidades humanas e de humanas e fortes reacções, da moral profunda e ancestral do povo e de certo cinismo, pseudo-civilizado do homem que «andou por o mundo», como para lá dizem.

Não faltaria nesse filme o espectáculo de grande emoção da luta dos toiros, em que se concentram e rivalizam os orgulhos de duas aldeias, na aspiração de glória do triunfo do seu lutador, pela fuga ou pela morte de adversário.

Numa aldeia transmontana conheci uma família que não possuia lameiros de pastagem e tinha o melhor toiro daqueles sítios. Pois, por muito que a Guarda Republicana multasse, por encontrar o toiro em propriedades alheias, os donos, de bom grado perdoariam, porque êle era o prestígio e a vaidade, o brio, a superioridade mais evidente da sua aldeia.



Ilustração de Vilante Leitão (quinze anos) «tirada pelo natural»

O Teatro também já foi até para lá do Marão e dali nos trouxe, pelo espírito de Alfredo Cortez, uma peça, «Saias», com um conflito muito verdadeiro, porque todo o entrecho gira em volta da água que faltou nas pastagens, no ano de sequeiro, e de que depende a vida do povo, essencialmente pastoril. O cinema é que ainda não foi, a sério, para lá do Marão.

Entretanto, deixando o Douro, no seu imenso corredor entre montes, e subindo para as terras transmontanas, por Vila Real e Chaves, pelo vale do Tua ou pelo vale do Sabor, que de surprêsas fotogénicas não encontram, por aquelas terras tão características e de um viver tão original!

A montanha, a neve, o clima, influem nos costumes, nas almas, e determinam as suas existências.

O transmontano é naturalmente forte, hospitaleiro, generoso e enérgico.

Muitos dêles, nunca viram o mar, mas vêem todos os dias, ao romper da manhã, o mar das cordilheiras que se sucedem, para além do Marão.

O transmontano é ágil, de habituado a saltar pelos montes, descer escarpas, lutar com lôbos, caçar raposas.

Vamos, sem divagar, até às terras de Miranda.

Ali, tem Trás-os-Montes a sua grande peça de museu.

Desde o dialecto até às tradições. Miranda é a cidade, capital inconfundível da região mais curiosa de Portugal.

Quem desça um dia a «Costanilha», uma ruasinha em que as frontarias dos prédios são tôdas dos séculos XVII e XVIII, fica-lhe com a imagem na memória, para cem anos que viva.

Quem acorde uma manhã, numa aldeia daquela região, ouvindo o balar dos rebanhos que vão para o pasto, os «gados» que derivam pelos caminhos, nunca esquecerá a música dêsse despertar.

Quem passe uma noite, um serão, à lareira mirandesa, ouvindo pastores e contrabandistas contarem as suas aventuras de audácia e bravura, esquece as horas e não tem sono nessa noite.

Quem veja o povo dançar, nas romarias, e a graça das mulheres de pé pequeno, e a vivesa com que se trabalha e luta naquelas terras, não deixa mais de recordar-se dos quadros que lhe oferecer à vista.

Pena é, pois, que o cinema português ainda não tenha encontrado essa região, que não tenha ainda ido até para lá do Marão, e tanto para lá, que chegasse às terras de Miranda.

Títulos ilustrados



«A hora da felicidade»

"SUNNY" a Princesa do Circo

(*Conclusão da pág. 4*)

É digno de ver-se: entro na cidade, carregado de jóias, das autênticas, com as insígnias da minha realeza efémera, na companhia da raínha, que é sempre uma beleza da Luisiana.

Atrás de mim estende-se o mais extraordinário cortejo que se possa imaginar, o qual passa ante uma multidão entusiasmada, onde predominam lindos trajes, máscaras curiosas.

Em bailes, cortejos, representações, funções de todo o género, Nova Orleans gasta magnânimamente muita alegria, muito espírito... e um milhão de dólares.

Êste ano a Sunny foi a raínha da festa, embora não a visse a meu lado no cortejo que atravessa a cidade.

Se ela vier a casar com o Larry (eu tratarei de arranjar ambiente propício), julgo que terei o direito a um desconto importante nos meus pecados.

A. DE CARVALHO NUNES

Prosseguem as filmagens de
«O PÁTIO DAS CANTIGAS»

Segundo filme da «Produção António Lopes Ribeiro»

Está acabado o primeiro grupo de cenários interiores



Carlos Otero e António Vilar, dois dos intérpretes de «O Pátio das Cantigas», numa das primeiras cenas filmadas no estúdio da Tobis Portuguesa, sob a direcção de Francisco Ribeiro (Ribeirinho)

A segunda fita da «Produção António Lopes Ribeiro» começa a ser uma realidade. Cada dia que passa são mais umas tantas cenas que entram no gabinete de montagem donde Vieira de Sousa as vai aprontando e alinhavando numa primeira montagem. Em duas semanas de trabalho foram já filmadas algumas dezenas de cenas com vários planos. Trabalharam já para a câmara de César de Sá quási todos os principais intérpretes. Fizeram-se tomadas de vistas nos ambientes mais variados, através dos oito cenários que constituem o primeiro grupo de interiores. As cenas mais importantes que Francisco Ribeiro (Ribeirinho) dirigiu nos últimos dias obrigaram o pessoal do estúdio a «sofrer» um bocado para não se rir durante as filmagens e estragar assim, qualquer interrupção de gargalhadas o trabalho feito. António Silva, no papel do droguista «Evaristo» e Laura Alves, como sua filha «Celeste» encenados pela veia cómica de Ribeirinho interpretaram algumas das cenas que mais vão entusiasmar o público.

Também Carlos Alves, que interpreta a figura dum inventor de trazer por casa, um «engenhocas» como tantos que nós conhecemos, dentro do seu estilo característico, cheio de fantasia, interpretou algumas cenas animadíssimas. Dentro duma característica mansarda onde não se sabe se há mais casa se fios, no meio de grande baralhada de lâmpadas e alavancas e roldanas e alto-falantes e máquinas de estranha carpintaria o «Engenhocas» de Carlos Alves está como peixe na água.

Mas, além destas, muitas outras personagens «célebres» do Pátio do Evaristo «mais conhecido pelo Pátio das Cantigas» passaram já pelo estúdio. Graça Maria e Maria Paula, António Vilar, Carlos Otero e Kamenesky já todos filmaram cenas importantes. Este último, faz na fita o papel dum vendedor de livros, amador de música e da bicharada. Foi dia de grande arranzel no estúdio da Tobis aquele em que se filmaram as cenas passadas na sua mansarda. Havia gatos; cães piriquitos, canários e até um galo.

Durante esta semana começam as filmagens no exterior do Pátio que foi construido por Francisco Duarte nos anexos do estúdio sôbre desenhos de Roberto de Araújo. É um dos mais importantes cenários que têm sido construidos expressamente para um filme português e nele se passará o mais importante da acção da segunda fita da «Produção António Lopes Ribeiro».



Filma-se uma prova da actriz Maria das Neves que, conforme já noticiámos, vai estrear-se no cinema, no próximo filme da Produção António Lopes Ribeiro

"Animatógrafo" em Nova-York

O Doutor Jekyll, o Senhor Hyde, o Sargento York e o Cidadão Kane

(Do nosso correspondente BERNARDO TEIXEIRA)

Estes quatro senhores, espantosamente diferentes uns dos outros, são ainda neste momento as figuras mais em evidência nos «écrans» de Nova-York. O Dr. Jekyll e o sargento York merecem a simpatia do público, especialmente o segundo, que todos os dias ouve bastantes palmas ao aprisionar sòzinho os seus 132 alemães. Mr. Hyde é uma criatura odiosa e Mr. Kane é admirado por muitos e criticado por outros.

Spencer Tracy, o médico e monstro de 1941

Spencer Tracy encarregou-se do Dr. Jekyll e de Mr. Hyde, e fê-lo impecàvelmente, como êle sempre faz, juntando mais duas figuras de valor à sua admirável galeria.

«Dr. Jekill and Mr. Hyde», a primeira produção de Victor Fleming depois do estrondoso êxito de «Gone with the wind», teve uma estreia de sensação no «Astor» — para que gentilmente o «Animatógrafo» foi convidado, mas como êste senhor estava em Lisboa, na rua do Alecrim, e as passagens para a América são difíceis de obter, fui eu por êle... — e continua em pleno êxito. Este Médico e Monstro está inteiramente de acôrdo com o seu irmão mais velho de Frederic March e resultou uma das melhores películas do ano.

Não admira que mais uma vez se forjasse esta fita, pois trata-se dum dos argumentos mais «cinematografáveis» até hoje ensaiados. Depois de John Barrymore e Frederic March, Spencer Tracy dá-nos, segundo o meu parecer, a mais ajustada interpretação do curioso duplo. Se bem que a sua máscara de Hyde não ganhe em pavor à do seu antecessor, se bem que no sentido objectivo pareça êste senhor Hyde um pouco mais humano que o antecedente, eu julgo Spencer Tracy mais requintadamente malvado, mais subtil, mais criminoso «à priori». A dicção de Mr. Hyde nos seus diálogos com Ingrid Bergman, a infortunada vítima do monstro, é notabilíssima; só um actor extraordinário como Tracy poderia dar-nos na medida exacta êsse tom de voz, entre o roufenho e o sibilante, entre a malvadez e o cinismo; a entoação silábica, ferindo as interrogações e exclamações duma maneira que arripia, a pausa, a respiração, o riso, o jôgo fisionómico que tudo isso acompanha enfim, todo o conjunto, constituem algo de genial na arte de representar. E não há um deslise, um pequeno exagêro, que nos possa dar a ideia vulgar dum homem a imitar um monstro para aterrorizar o público. Tem-se a impressão bem nítida de ver ali o espírito do mal, como êle actuaria talvez em cinqüenta por cento dos homens se as prisões, a polícia e o mêdo não fôssem razões de pêso a considerar por aqueles que trazem dentro de si próprios o germem de Mr. Hyde.

Ingrid Bergman, na rapariga duvidosa que o monstro escolhe para vítima, tem sem dúvida o melhor trabalho da sua carreira, numa interpretação de primeira categoria que a acredita como grande actriz. Além disso dificilmente Victor Fleming encontraria uma artista com tamanhas qualidades físicas para êsse papel. São ainda para notar os magníficos e... suculentos (o adjectivo é acertado, embora ousado) grandes planos desta artista. A lindíssima Lana Turner é a doce noiva do Dr. Jekyll. E o Dr. Jekyll é perfeito no papel de Spencer Tracy antes dêste consagrado actor de Hollywood ter ganho a mania de beber líquidos esquisitos que o transformaram num homem mau e cínico...

Alvin York, camponês pacifico e herói nacional

A terceira das quatro pessoas desta crónica e única verdadeira, porque existe: e vive ali no Estado de Tenesse. É o «sergeant» York, da autoria de pais lavradores, e perfilhado êste ano por Howard Hawks numa boa fita que tem tido um dos maiores êxitos da temporada. Gary Cooper, embora bastante mais alto e aguçado que o verdadeiro sargento York, condescendeu em retratá-lo. Assim, Alvin York, camponês americano, que foi à outra guerra com ideias bastante pacíficas e acabou por matar umas boas dúzias de inimigos e apresionar mais duma centena dos mesmos, e ao regressar à América foi recebido em New-York como herói nacional, com festas, pompas, prendas, publicidade, etc., teve o bom-senso de mandar as honras à fava, voltando para a sua aldeia, onde vive ainda sossegado e feliz. Alvin York, ou seja Gary Cooper, deu-nos uma fita que eu divido em duas partes bem diferentes em valor e filosofia cronológica: Alvin York antes de ser soldado e Gary Cooper depois de ser soldado.

A primeira parte, no ambiente rústico duma aldeola do sul, em planos montanhas de Tenesse, com todo o pitoresco da vida local, as peripécias, atribulações e fases psicológicas de Alvin York — que o realizador complicou um bocado, valha a verdade, sem no entanto ser ofendida a simplicidade nata do herói — é incontestàvelmente muito superior à fase do cartaz. Julgo, porém, que o público não concordará de boamente comigo pois, atrás o disse, os germens de Mr. Hyde andam encobertos na metade das almas humanas: é por isso talvez, que êles deliram de entusiasmo quando o «rifle» certeiro de Gary Cooper enfia balas nos crâneos dos soldados inimigos, sem perder uma bala, sem perder um inimigo. Claro que é a êste facto que se deve a celebridade do herói e, portanto, a existência da fita. Ninguém se lembraria de ir a Tenesse escolher um qualquer Alvin para celebrizar em celulóide, se êsse Alvin, em França, no dia 8 de Outubro de 1918, depois de perder a cabeça e entusiasmacom o cheiro da pólvora, não tivesse atirado aos adversários com a mesma infalível pontaria com que atirava às raposas lá na sua aldeia. Mas, daquilo que nada valia se fez uma metade de «film» magnífica; e do resto, o único importante para o cartaz, fez-se uma coisa de guerra, como tantas outras, que infelizmente nada dignifica a humanidade, quer os seus heróis sejam turcos, chineses, lapões, esquimós ou tapuas. E esta a opinião, sem importância — e não precisava de dizê-lo para que o soubessem — duma pessoa que considera a Arte um «step up» na escala dos sentimentos humanos e nunca um «step down» na mesma escala. Dum cancro se poderá talvez escrever um poema, iluminando o caminho da sua cura, mas nunca dêle se fará uma obra de Arte se, directa ou indirectamente, com subterfúgios ou conceitos torcidos, se lhe fizer a apologia.

Apesar de tôda a filosofia barata do último parágrafo, o «Sergeant York» não deixa de ser uma das boas fitas da temporada. O facto de não concordar em absoluto com as matanças de gente, além das razões artísticas já apontadas, deve-se em parte ao célebre axioma de La Palisse que considerava todos os homens, um quarto de hora antes de morrerem, ainda vivos.



Orson Welles (vinte e seis anos) produtor, director, argumentista e principal intérprete de «Citizen Kane», da RKO — Rádio-Filmes

«Citizen Kane», o mais discutido dos filmes americanos

«Citizen Kane», que se fica devendo a êsse génio de Hollywood, Orson Wells, foi desde a sua estreia, meses atrás, considerado o melhor «film» do ano e, segundo o claro pensamento do já referido La Palisse, indiscutivelmente o mais discutido. Desta película, que tôda ela é Mr. Kane, que tôda ela é Orson Wells, seu autor e seu intérprete, se poderá dizer como da paisagem dum continente inteiro vista em conjunto através de gigantesco binóculo: «quero ver mais de perto para ajuizar».

Vejamos como uma pessoa medianamente culta, representando portanto a média geral do público para quem as fitas são feitas, definiria o caso:

«Gostei porque a fita é tècnicamente muito bem feita e as imagens são belíssimas; e conserva as pessoas emocionadas até ao fim, esperando uma justificação concreta do conflito. Confesso, porém, que não atingi perfeitamente a finalidade. Ela é didáctica, eu sei, mas... não me

(Continua na pág. 10)

UMA NOTÍCIA DE SENSAÇÃO!

DAVID O. SELZNICK

o famoso produtor, regressa à United Press

Samuel Goldwyn, um nome indestrutivelmente ligado à história do cinema americano, de que foi, com Carl Laemle, Adolph Zuckor, Jessi L. Lasky e Cecil B. de Mille, um dos pioneiros embora o seu nome não se achasse entre os «big fom» que em 1919 fundaram a United Artists — estes foram, como se sabe, David Mark Griffith, Douglas Fairbanks, Ma-



David O. Selznick

ry Pickford e Charlie Chaplin — estava desde há muito ligado à célebre sociedade. De facto, logo após ter cedido em 1923 a Louis B. Mayer e a Markus Loew os seus interêsses na velha e gloriosa Goldwyn Pictures Corporation para aqueles formarem a Metro Goldwyn Mayer, Samuel Goldwyn ingressou nos Artistas Unidos, de que se tornou depois uma das mais proeminentes e influentes figuras, contribuindo, nessa altura em que quási todos os seus fundadores afrouxavam por motivos vários a sua actualidade, contribuindo grandemente para a manutenção do prestígio de que a conhecida emprêsa sempre se orgulhava.

Calcula-se por isso o efeito produzido há poucos meses nos meios da indústria e da finança com interêsses em Hollywood, pela saída inesperada, que teve qualquer coisa de teatral, de Samuel Goldwyn, que depois se mostrou renitente a todos os propósitos de conciliação.

A United Artists acusou o golpe, sendo notório certo desapontamento e desorientação aos primeiros momentos, tanto no seio da companhia em Hollywood, como nos seus interessados de Wall Street, em Nova York. Arthur Kelly há muito empregado superior da companhia, como chefe de vendas, assumiu nessa emergência a presidência da companhia. Em todo o caso, o nome de Kelly não era suficientemente a expressivo e conhecido para tais funções, bem diversas daquelas, importantes aliás, que até então ocupava. A United necessitava dum grande nome que desse confiança aos exibidores, que fôsse penhor de garantia do nível da produção futura. Ninguém entre os produtores, agrupados nos Artistas Unidos, nem mesmo Korda, demonstrava possuir o «abattage» indispensável.

Só um nome, entre os produtores do independente estaria à altura da função — David O. Selznick

A grande batalha começou.

O momento no entanto era o mais mal escolhido, pois corriam as mais insistentes notícias sôbre o seu ingresso breve na emprêsa dos Irmãos Warner, Em todo o caso a gente da United Artists não desanimou, lutando pela colaboração de alguém que trabalhava já dentro das suas portas, embora com organização própria.

O resultado dessa verdadeira luta de influências trouxe-o agora o telégrafo, anunciando a entrada sensacional de David Selznick para presidente dos Artistas Unidos!

Selznick, uma das figuras mais prestigiosas do cinema americano dos últimos anos, a cuja actividade e larga visão de produtor estão ligados alguns grandes triunfos do cinema, trabalha desde há muito tempo na indústria cinematográfica desde a época em que seu tio, Lewis Selznick e seu irmão Myron, hoje importante agente artístico, dirigiam a casa produtora que usava o nome dos Selznick, sociedade muito conhecida por volta de 1918, tendo também grande parte da sua carreira sido feita na Metro Goldwyn Mayer, a cujo chefe, Louis B. Mayer, o ligam laços de família, pois é casado com uma das suas filhas.

David Selznick, ou simplesmente DOS, como é mais conhecido nos meios cinematográficos, que adquiriu agora as oito mil acções, no valor de cêrca de um milhão de dólares que a própria United Artists tinha comprado a Goldwyn e aos herdeiros de Douglas Fairbanks, ficando assim em igualdade de circunstâncias com Mary Pickford, Charlie Chaplin e Alexander Korda, anunciou já a sua futura produção. Compõe-se de quatro filmes: «Keys of the kingdom», «Jane Eire», projecto que de há muito acalentava e de que possìvelmente será protagonista a sua revelação de «Rebecca», Joan Fontaine, «Tales of Passion» e «Romance».

«ANIMATOGRAFO»

EM NOVA YORK

(Conclusão da página central)

parece haver grande afinidade psicológica com o sr. H, o célebre jornalista que os senhores conhecem. Acho que o Sr. Kane, embora mereça a minha admiração, é complicado demais para ser «citizen» como eu sou, como são todos os meus amigos e conhecidos. E se os meus conhecimentos de História Universal me permitem esta afirmação, eu diria que o Sr. Kane tem um pouco «continental mind», agravada ainda com certa leitura de Confucio... Francamente eu não posso ajuizar com segurança, porque, como já disse, não atingi bem a finalidade».

Um cidadão pacato, e nada dado a leituras, que foi descuidadamente ver Mr. Kane, depois de fechar a sua loja de fruta, diria:

«Eu não discuto que a fita seja bem ou mal feita. Lá dêsses «trucs» não percebo. O que sei é que só vi sombras, ouvi frases com sentidos duvidosos que me fizeram desconfiar... e não gostei».

Um «snob» poderia dizer:

«A legenda da fita «no trespassing», é a justificação para o abuso que por vezes se faz em Arte duma ideia simples e assimilável, complicada expressamente para deleite do artista que a trabalha. Mr. Kane é bastante humano na sua fase inicial de luta, para, no final da sua vida, subir a tal degrau de incoerência com as próprias ideias que impuseram a sua personalidade. A sua entrecortada biografia, focada objectivamente pelas imagens das narrações das pessoas que conviverem com êle, não nos pode dar uma ideia firme sôbre o seu espírito de modo a podermos interpretar com segurança crítica a fase derradeira e caótica do herói. O que na «ideia» da fita há de preciso, exacto e dirigido na pretendida finalidade político-social, é-nos dado pelo conjunto das imagens simbólicas, e muito pouco pela história do homem que se pensou retratar.

Prestando inteira justiça ao sábio aproveitamento da fábula que nos deram em estilo de biografia, sujiro o título de lenda para o drama de Mr. Kane, que dizem ser uma alusão ao romance vivido dum certo magnate da imprensa americana cuja novela afinal, segundo tudo leva a crer, por tudo aquilo que bem se sabe, não é mais do que uma comédia».

Falou o «snob». Uma senhora gentil, pintora por vocação, que comigo viu a fita — quero dizer ao meu lado — comentou «Citzen Kane», depois que a rêde se fechou sôbre a hipótese de Orson Wells, hipótese aliás admiràvelmente proposta — não sei se depois de verem o filme concordarão com o têrmo «hipótese», ou se preferirão «panorama de ângulos e figuras obtusas e de ideias pequenas vistas perpendicularmente através dum amplificador enfarruscado» — como ia dizendo, a minha amiga, pintora por vocação mas cujos quadros pensa pintar mais tarde, comentou: «Tem algo dum quadro cubista representando uma careta a rir, com nevoeiro a entrar-lhe nos olhos e uma mentira a sair-lhe da bôca».

Eu, como nada percebo de cubismo, reagi apenas com «hum, hum». Mas, como em tôdas as outras questões de Arte sou assaz profundo, comentei o «Citizen Kane», como o faria o Conde de Steinbroken (vejam nos «Maias», do Eça, a grafia exacta do nome, porque eu não estou seguro):

«C'est grave... excessivement grave...»

Nova-York, 20 de Setembro.

A FEIRA DAS FITAS

«A hora da felicidade»

(«Pot O'Gold»)

Esta fita despertava-nos particular interêsse: ver o que tinha feito James Roosevelt na sua estreia como produtor cinematográfico. Deu-nos sob êste aspecto uma lição: é que não basta ser filho do presidente Roosevelt para se ter talento, pelo menos, cinematográfico. James Roosevelt, apesar de rodeado por um «cast» de grande valor, onde havia nomes como os de Stewart, Paulette Goddard, Charles Winninger, apesar de dispor de todos os elementos e das facilidades mais completas, não conseguiu que a sua produção fôsse mais do que o espectáculo das qualidades de adaptação de dois bons actores, e da exibição duma boa orquestra em alguns números musicais com interêsse.

O filme vive da presença de James Stewart e dos números de variedades, através duma história e duma construção desligada cuja má qualidade como história se patenteia na segunda metade, desde que começam a ter que resolver as conseqüências dos episódios.

Alguns números musicais, porém, pela originalidade ou pela qualidade, chegam para nos prender durante bons momentos. Haja em vista especialmente o «toast de iniciação» do primeiro jantar de Jimmy (James Stewart) em casa da tia Mac Corkle, e a canção de Molly (Paulette Goddard) que Jimmy «acompanha» em gaita de beiços.

Por estes arranjos e por todo o acompanhamento musical é Lou Forbes, credor das melhores referências de todo o filme.

«Cruzeiro Selvagem» documentário que se exibiu em complemento merece citação, pelo interêsse com que está contado e a originalidade dos aspectos que apresenta.

Apraz-nos assinalar que a projecção da sala onde foi exibido êste programa, e que na época passada, nos merecera alguns reparos, já está com qualidade digna da sua categoria — F. G.

«A menina dos meus olhos»

(If I had my way)

Gloria Jean pertence àquele grupo de meninas e meninos que vieram a êste mundo para nos deliciarem com as suas vozes maviosas ou com as habilidades de sapateado. Dizem os seus biógrafos que, aos 15 meses de idade, deitada no berço, cantou a célebre canção americana «Little Annie Rooney»! Não surpreende, portanto, que o público fique pelo beicinho quando a vê na tela, em histórias de ternura e optimismo, como convém à sua idade.

O presente filme não foge à regra. Está construído de molde a deixar brilhar a graciosa artista e a deixar bem disposto o público. Muitas situações cómicas e muitas canções esplêndidas animadas por Bing Crosby, Gloria Jean e El Brendel. — A. F.

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, «ANIMATÓGRAFO» chama a atenção do público para o que nêle merece atenção especial

«A HORA DA FELICIDADE» (Sonoro-Filme)
- **A presença e as faculdades de adaptação de JAMES STEWART (Jimmy) e PAULETTE GODDARD (Molly).**
- **As qualidades da música — de que foi director LOU FORBES.**

«CRUZEIRO SELVAGEM» — Bom, documentário desportivo, (complemento).

«PROSÁPIAS DE ANDY HARDY» (M. G. M.)
- **O argumento e os diálogos de ANNALEE WHITEMORE e THOMAS SELLER.**
- **A interpretação de MICKEY ROONEY.**
- **A forma como JUDY GARLAND canta a linda canção «I'M NOBODY'S BABY».**

«O génio do crime»

(The Amazing Dr. Clitterhouse)

Há anos — se não estamos enganados — lemos na colecção Freench, «The famous Plays of 1937», uma peça de teatro assinada por Barre Lyndon que como se vê vinha rotulada de grande êxito. Estivera muitos meses em cena na capital londrina e depois fizera enorme carreira nos palcos novayorkinos. Já, então, havíamos sentido dentro dessa obra exitência de uma das mais tremendas sátiras à polícia e à justiça dos homens. Recordamo-nos muito bem de ter até pensado nesse momento que «Cranquebille», de Anatole France, ao lado dessa obra não passava de uma sombra...

Ora foi essa peça que os americanos confiaram ao realizador europeu, Anatole Litvak (que fôra conquistado por Hollywood muito antes do exôdo provocado pela guerra) e que aquele transformou num filme excelente, dirigido com absoluta segurança e interpretado com talento.

O génio do crime é uma sugestiva e forte história do «underworld» norte-americano. Todavia, está, de facto, muito além das habituais películas de «gangsters», que têm servido para endeusamento dos heróis de pistola e dos seus caçadores. É mais do que isso; é mais do que uma mera reportagem de crimes ou façanhas sangrentas que pecam, quási sempre, por um localismo exagerado, visto que os «gangsters» são fenómeno, tìpicamente, americano. É um filme inteligente, que empolga profundamente o público; filme policial em que a polícia não vence, drama judiciário em que a lei não prevalece, sustentando a teoria de que os criminosos inteligentes triunfam da polícia e da justiça, porque a polícia não tem inteligência e a justiça é cega...

Edward G. Robinson tem, nesta película, uma das melhores criações da sua longa carreira. É admirável na figura do médico que tem o instinto do crime e que começa a roubar para analisar as reacções dos ladrões, o seu estado emotivo, as suas ânsias, as suas perturbações «profissionais», acabando por se deixar empolgar pelo crime a ponto de não poder passar sem êle.. E um dia, depois de haver experimentado os perigos dos roubos mais audaciosos, resolve tentar o homicídio. É descoberto. Processado. Mas, apesar de tudo, é absolvido pela justiça, no momento em que a sua condenação parece inevitável.

Em papéis secundários, temos Humphrey Bogart (que já está formado neste género de papéis); Claire Trevor, Allen Jenkins, Donald Crisp. Gale Page e Frank Hugh. — A. F.

«Prosápias de Andy Hardy»

(Andy Hardy meets a debutante)

Annalee Whitemore e Thomas Seller escreveram para a Família Hardy, inventada por Aurania Rouverol, um dos seus mais felizes argumentos. Não se pode dizer que tenham descoberto novos moldes, que o Juiz de Carvel e os seus apareçam diferentes do que sempre foram, ou sequer debaixo de novos aspectos.

Mas estes argumentistas estavam em maré de boa inspiração quando imaginaram alguns dos episódios da história, certos pormenores saborosos e de excelente observação e muitos efeitos de interêsse (cujo mérito pertence mais a quem os *escreveu* do que a quem os encenou). Além disso todo o diálogo do filme é magnífico: tem graça, tem brilho literário, tem estilo cinematográfico. Algumas das ideias do argumento são verdadeiramente esplêndidas, como a da revista de estudantes, a carolice pela botânica, a aventura deplorável no «Club Sirocco», o aproveitamento do *Alone* de Brown e Freed e as relações de Andy e Betsy (Judy Garland). A cena do *cabriolet* entre os dois é magnìficamente tratada e apresenta com notável tacto a figura de Andy Hardy num aspecto mais «adulto» do que até aqui.

George B. Seitz dirigiu o filme com a sua habitual proficiência, e, embora tivessem pôsto à sua disposição recursos reduzíssimos (veja-se, por exemplo, o abuso da «transparência» e a pobreza dos cenários), conseguiu realizar um dos filmes mais agradáveis e mais certos de tôda a série, aproveitando com habilidade as boas ideias do argumento e as qualidades dos seus intérpretes. É já lugar-comum dizer que Mickey Rooney é um extraordinário actor — mas não há mais remédio senão reincidir. Semelhante conjunto de tão estupendas faculdades é de facto um caso muito raro e muito sério. Àparte talvez em «O Novo Amor de Andy Hardy», é sem dúvida esta a sua melhor criação dessa figura popular. Rooney tem neste filme coisas verdadeiramente preciosas e soube representar, talvez como em nenhum outro da série, com assinalável equilíbrio. Ao seu lado brilha Judy Garland, representando por vezes muito bem (como na sua «entrada em cena») e cantando maravilhosamente. É notável o partido que tira da canção *I'm Nobody's Baby*, de Benny Davis, Milton Ager e Lester Santley, que é já por si admirável.

Todos os outros intérpretes portaram-se com o costumado acêrto, designadamente Lewis Stone, Fay Holden. Diana Lewis (a mulher de William Powell) e Ann Rutherford. — D. M.

CINEMA NACIONAL

Carta a um céptico

por C. e A. de O. Guimarães

...Não, caro amigo! Contra as tuas infundadas previsões e contra o teu injusto desalento, o cinema português virá a ser uma bela, expressiva, compensadora realidade nacional e estética. Êle honrará o nosso futuro colectivo em todos os domínios da actividade e do sonho, da beleza, do espírito e da alma comuns.

Mau grado as indecisões naturais do seu início, vislumbra-se já, para a nossa Sétima Arte, um porvir fácil, pleno de grandeza, humanidade e pitoresco, exuberante de fôrça íntima e de caloroso dramatismo. Nada a eximirá a essa perspectiva gloriosa. Para além dos obstáculos que dificultam a sua gestação precoce, imperam decisivamente vários elementos fundamentais, imprescritíveis, intrínsecos. E es-

(Continua na pág. 12)

Soluções das Preguntas de Algibeira

Obteve indiscutível êxito junto dos nossos leitores a nova modalidade desta secção, inaugurada no último número. A quantidade de respostas recebidas excedeu a espectativa mais optimista, pois 138 leitores concorreram ao nosso concurso. Além das dez premiadas muitas mais estão certas — mas chegaram tarde... A par dessas respostas exactas recebemos bastantes parcialmente erradas. A percentagem entre umas e outras, porém, deu-nos a certeza de que doseámos convenientemente os nossos enigmas — nem foram difíceis de mais, nem fáceis em demasia.

AS SOLUÇÕES

As decifrações da primeira série de «Preguntas de Algibeira» ilustradas são as seguintes:

1 — «Revolução de Maio».
2 — Carole Lombard e Charles Laughton — «O Outro».
3 — Nelson Eddy.
4 — Madeleine Carrol e Stirling Hayden.
5 — James Stewart, Guy Kibbee e o realizador Frank Capra — «Peço a palavra!»
6 — «Pôrto de Abrigo».

OS VENCEDORES

As dez primeiras respostas certas que chegaram à nossa redacção pertenciam aos seguintes leitores:

«Conde Axel de Fersen da Suécia», «Bob Taylor», Luiz Lourenço, Camilo de Sousa, Joaquim Rodrigues Serra, Delfim Mendes, Fernando Pereira da Costa, Helena Oliveira Pinto, todos de Lisboa; António Lopes Fernandes, do Pôrto, e Maria Helena Lizardo Lopes, de Coimbra. Os vencedores de Lisboa podem levantar as fotografias a que têm direito na nossa redacção, até à próxima quarta-feira, 15 do corrente. Aos vencedores do Pôrto e Coimbra os seus prémios serão enviados pelo correio.

ATENÇÃO!

Muito brevemente publicaremos uma segunda série de «Preguntas de Algibeira» ilustradas — em vista do agrado com que a nossa iniciativa foi manifestamente recebida.

Avisamos desde já os futuros concorrentes de que bastará enviar as suas respostas num simples postal; e de que devem mencionar sempre as suas moradas. Os que quiserem utilizar pseudónimos podem fazê-lo, mas devem indicar também os seus verdadeiros nomes, embora só se publiquem os pseudónimos, no caso de ganharem um dos prémios — como já hoje fazemos.



Depois da reaparição de Gloria Swanson assinala-se a reaparição da famosa vedeta Mary Paul, contratada pela «Production Tony Wolfson Little River». As grandes figuras da tela voltam ao seu lugar. Anuncia-se também a próxima reaparição do célebre galã Oliver Martin, que tem recebido muitas propostas nesse sentido, uma das quais do realizador Lyton Bar, para interpretar um papel muito interessante, de grande intensidade dramática, num filme que ainda não se sabe o que é.

—— O realizador Lyton Bar desistiu, por agora, de filmar a «Marie de La Fontaine», em virtude de já terem sido demolidos os edifícios da Exposição, onde iam filmar-se as principais cenas, algumas das quais chegaram até a realizar-se. Aquele encenador vai esperar até 2040, ano em que se efectuará uma nova exposição dos centenários, para prosseguir nos trabalhos daquele filme.

—— O novo galã de cinema Tony Willard prestou boas provas e tôda a gente diz que a sua cara fica muito bem no cinema. Não admira, foi caracterizado pelo célebre «maquilleur» Tony Willard.

O HOMEM SOMBRA

Carta a um céptico

(Continuação da pág. 11)

tes impõem — ¿acaso estarás de acôrdo? — a aquisição duma cinematografia superior, digna de comover a nossa alma e de interessar a própria curiosidade do mundo...

Possuído já das energias que hão-de trazer-lhe uma esplendorosa idade adulta, o cinema sintetiza màgicamente tôdas as demais fórmulas estéticas que, através dêle, se actualizam e renovam. Prodigioso de comunicabilidade e de expressão, êle serve-se simultâneamente da fotografia que retém o volume e a linha; da literatura que concebe os conflitos, os humaniza e dramatiza; da palavra que persuade; da música que comove; da pintura que alinda; da vibração histriónica que define e acentua os estados de alma.

Portugal assinalou-se notàvelmente no campo de todos os labores estéticos conhecidos, versando com equidistante eloqüência os que contêm total potencialidade subjectiva e os que vivem, em grande parte, do mundo exterior. A cinematografia resultará, portanto, para os portugueses, na própria razão e na lógica medida dessa faculdade básica.

Em perfeito paralelismo com o sentido eminentemente plural da estese que cultiva, o cineasta concentra em si a intuïção poderosa e quási cósmica de tôdas as Artes vivas. Alicerça mesmo, sem prejuízo do valor próprio, no especializado engenho dos estetas, virtuosamente partícipes na obra fílmica, a realização plástica do seu sonho.

Produto de colaboração e de unidade, o cinema atinge nos povos adultos uma grandeza singularíssima. Para se diferenciar e distinguir de alheia origem é-lhe necessário o apoio duma sólida tradição, sob o tríplice aspecto histórico, emotivo e estético. Não basta considerá-lo dependente duma *estandardização* global, ainda que esta atinja o carácter definido que revela em certos estúdios célebres da estranja.

Os portugueses — ¿ousarás negá-lo? — reúnem em si essas privilegiadas condições de êxito, aliás extensivas, com naturais derivantes de sensibilidade e de inteligência, aos povos que (é o caso especial dos europeus) detêm ainda, pelo volume da sua civilização, o primado intelectual do mundo e a clássica exuberância das ritmos plásticos.

Não conhecemos assim a inversão de caminhos estéticos a que os americanos, por fatal necessidade, são forçados. Longe de partirem, como aqueles, dos horizontes, sempre acessíveis, da técnica e dos seguros resultados materiais que esta concede, para a descoberta útil duma cultura e duma sensibilidade criadoras, insusceptíveis de se improvisarem num só momento, os portugueses podem revelar com paixão, com entusiasmo, com talento insuperáveis, através dos mais originais processos plásticos, uma personalidade intelectual, uma fôrça emotiva e uma psicologia estética já tradicionalmente formadas.

O cinema vale, em princípio, pelo interêsse risonho, sentimental ou dramático dos argumentos que vivifica e trata. Ora aí está, pronta a servi-lo, a imaginação dos nossos homens de letras. Menos fumegante talvez do que a dos nórdicos, ela exprimiu-se já, com caudalosa flagrancia, na novela, no romance e no conto. A obtenção duma literatura cem por cento cinematográfica porvirá naturalmente, entre nós, dessa clara tendência para revelar em forma estética as emoções mais íntimas, os conflitos mais veementes, complexos e vários.

Dada a sua natureza nitidamente visual, a cinematografia deve ao talento dos decoradores a formação estilizada, a própria interpretação psicológica dos seus ambientes.

(Cont. no próximo número)

CARTAS DUM CINÉFILO

Aerodinâmico director:

Estou a ver que tenho de abandonar o cinema, pois estou a ter, por causa dele muitos dissabores com o meu pai. Calcule o sr. que se exibiu no Tivoli uma fita intitulada «O meu pai é um caso sério» e vá de dizer que aquilo era piada a êle e que o culpado era eu porque com esta minha mania do cinema o metia a ridículo. Para o convencer que não era o que êle dizia levei-o a ver a fita. Ainda foi pior pois veio de lá convencido que aquilo era de facto com êle, pois agora deu-lhe para dizer que é muito parecido com o Adolfo Menjou.

Ora já vê o senhor se eu tenho ou não razão para andar um bocado desiludido. E há ainda outra coisa que me faz descrer do cinema. É o seu artigo de fundo publicado no último número. Acho muito bem o que escreveu. Lugar para os novos, mas aos que queiram começar pelo princípio. Eu sou um dêsses. Aliás já comecei. Então porque não me aproveita? É por tudo isto que eu estou muito desiludido.

Parece que o sr. Artur Duarte sempre vai filmar o «Costa do Castelo». É a última tentativa que vou empreender para fazer alguma coisa pelo cinema. Se êle me quizer, muito bem, e com isso só êle ganha, pois posso evitar-lhe alguns pequenos deslises como êle teve nos «Fidalgos da Casa Mourisca» (um em cada cena, se tanto).

Então a menina Maria Paula vai reaparecer no cinema? Muito bem. Folgo muito com a sua reaparição. É indispensável que se vão buscar as pessoas que têm trabalhado no cinema e têm mostrado que possuem talento. É preciso, portanto, ir buscar o dr. Selenio Calheiros, que tem habilidade às carradas; temos que voltar a admirar o sr. Patricio Alvarez que também está por ali para representar bem; não há, nesse caso, direito de deixar andar por aí na actividade o sr. Armando Miranda e o sr. Adolfo Coelho.

Há necessidade de reparar essas e muitas outras injustiças e já que eu não posso aparecer com o lugar que me compete, então, que se vão buscar aqueles senhores que eu indiquei e que deram já provas plenas daquilo que são capazes de fazer. Sim, aqueles já não enganam ninguém.

E agora até para a semana. Seu devotado amigo

Ignácio da Purificação

P. S. — Ai que pena que eu tenho de não ser, ao menos, seu primo, mesmo em segundo grau.

I. da P.

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

Jean Renoir dirige para a Fox «Swamp Water», um filme de grande classe

Após o desastre da França, três dos mais categorizados realizadores do cinema de Além-Pirineus, três nomes cuja contribuïção prestada à arte das imagens é das mais valiosas e das mais representativas, partiram do seu país em demanda do Novo Mundo, na esperança de que ali encontrariam o meio favorável onde a sua actividade podesse ter livre curso.

Foi assim que passaram em Lisboa a caminho da América Julien Duvivier, René Clair e Jean Renoir. A sua expectativa não foi iludida, pois logo o produtor Alexander Korda, a Universal e a Fox se apressaram a chamá-los a trabalhar nas suas «équipes».

Dos três, René Clair e Julien Duvivier apresentaram já, com sorte bem diversa, o seu trabalho nos écrans americanos. Clair, para cujo filme a Universal destacou os melhores nomes da companhia — o produtor Joe Pasternack, Norman Krasna, uma das grandes figuras entre os «scenario writers» americanos, o notável operador Rudy Mate e a mais categorizada das suas vedetas, Marlene Dietrich, não foi feliz. René Clair, amargamente, procura justificar a sua falta de «reussite», confidenciando a um compatriota: «Encontrei numerosos obstáculos em Beverly Hills, onde as vedetas são impostas aos técnicos, e infelizmente, durante a minha estadia em Hollywood foi-me de todo impossível encontrar artistas capazes de interpretar uma comédia a meu gôsto».

Entretanto Julien Duvivier parece, pelo contrário, ter entrado com o pé direito nos estúdios americanos. O seu filme para Korda, cujo argumento era da sua autoria, em colaboração com o seu compatriota Bus Fékété, primitivamente intitulado «Illusions» e apresentado por fim com o título de «Lydia», nome da protagonista, que Merle Oberon personifica, foi recebido pela crítica com entusiasmo e nos mais simpáticos termos. Um dos críticos, que não costuma correr a foguetes, diz do trabalho do realizador notável do «Fim do Dia», de «Pepe» «Le Moko» e de «Carnet de Bal»: «Com êste filme, Julien Duvivier atinge as maiores alturas no campo de direcção de filmes. A suave perfeição do seu trabalho, embelezado por numerosos e delicados «touches», onde a sua personalidade se manifesta exuberantemente, coloca-o no primeiro plano dos maiores nomes da indústria».

Dos três, Jean Renoir é o único que não submeteu ao «vereditum» do público e da crítica o seu trabalho. Não se julgue porém que se manteve inactivo. Muito pelo contrário.

Disse-se, e nós fizemos eco dessas notícias, dimanadas da própria Fox, que êle iria dirigir Jean Gabin no seu primeiro filme americano intitulado «Moon Tide». No entanto, os dirigentes daquela companhia preferiram dar-lhe trabalho de maior tômo, num filme que a Fox considera uma das suas mais importantes produções da nova época, e que, suprema distinção, fará parte do pequeno grupo de produções de que Darryl Zanuck, dirigente supremo da produção da 20th Century-Fox, pessoalmente será o supervisor.

Intitula-se «Swamp Water» e o seu argumento, uma história vigorosa e expressiva, é tirado da novela de Vereen Bell, publicado no Saturday Evening Post, sendo o «scenario» de Dudley Nichols, nome bem conhecido. A acção de «Águas Paradas» passa-se nas regiões pantanosas da Georgia, onde grande parte dos exteriores foram filmados.

Walter Huston o intérprete notável de Dodsworth do «Veneno Europeu», um actor de grande envergadura que inexplicàvelmente passa largas temporadas sem aparecer no cinema, Walter Brennan, outro magnífico artista, Anne Baxter, Dana Andrews, Mary Howard, Eugene Pallette, John Carradine, Guinn Williams e o veterano Russel Simpson são os intérpretes daquele filme, de que Peverell Marley é o operador.



JEAN RENOIR

Visto por Teixeira Cabral

Betty Grable é a vedeta de «Hot Spot» em que aparece também Victor Mature

Betty Grable, decididamente, entrou com o pé direito nos estúdios da Fox, onde pontifica um homem que tem do cinema, melhor, da indústria, um conhecimento profundo — Darryl Zanuck, cujo nome está intimamente ligado à inclusão do sonoro, pois a êle se deve o argumento do célebre «Cantor de Jazz», a primeira grande prova do fonocinema..

Depois de alguns anos de existência cinematográfica apagada e sem história, um único filme bastou para de um dia para o outro impor Betty Grable à admiração do público, rendido ante a beleza radiosa e a frescura aliciante daquela que foi considerada uma das mais belas mulheres dos Estados Unidos. Êsse filme foi, como não ignoram, êsse delicioso «Down Argentine Way». Foi êle, de facto, o ponto de partida de uma carreira que se anuncia brilhante.

As provas prestadas naquele naquele filme permitiram-lhe óptimas oportunidades, que ela tratou de aproveitar o mais inteligentementee possível. E por isso é hoje um dos nomes de maior interêsse entre os demais que formam o elenco da 20th Century-Fox.

Betty Grable, que ainda não há muito terminou o filme «A Yankee at the R. A. F.» como «leading-lady» de Tyrone Power, ascendeu agora ao «estrelato» no filme daquela companhia presentemente em realização que se intitula «Hot Spot». Nesse filme, em que Betty Grable ocupa o primeiro lugar do cartaz, aparecem Vitor Mature, o galã-popularidade, Carole Landis, Laird Gregar, companheira de Paul Muni em «Baía do Hudson», Elish Cooky, o engraçado Alan Mowbray, William Gargan e Allyn Joslyn. Bruce Humberstone é o realizador e Edward Cronjager o operador.

«MALAYA» é o título do novo filme de DOROTHY LAMOUR

«Aloma of the South Seas», o filme da Paramount em que os edénicos e fotogénicos Mares do Sul, descobertos cinematogràficamente há cêrca de treze anos por Robert Flaherty na inolvidável «Moana», e em que Dorothy Lamour e John Hall repetem as proezas de «Furacão», ficou há pouco concluído.

Isso não impediu que a Paramount se apressasse a chamar a sua mais popular vedeta para a fazer de novo protagonista dum filme em que a sua beleza e a sua plástica impecável vão certamente, uma vez mais estadear-se ante a contemplação justamente entusiástica do público.

Desta vez é o arquipélago malaio que serve de quadro ao filme cujo argumento original E. Lloyd Sheldon escreveu e que Alfred Santell está a dirigir sob a responsabilidade do produtor Monta Bell, o homem que foi noutros tempos o operador de numerosos filmes de Chaplin.

Em «Malaya», assim se intitula o filme que está sendo fotografado em Technicolor por William Mellor e Charles Boyle, aparecem ainda Richard Denning, novo galã que a Paramount está a lançar com todo o entusiasmo, o simpático Jack Haley, Helen Gilbert, a quem fizemos referência o número passado, a morena insinuante que é Patricia Morison e Walter Abel, um actor correcto e sóbrio, pouco conhecido entre nós.

Bette Davis e Ann Sheridan intérpretes de «The Man Who Came to Dinner», da W.B.

Bette Davis, a actriz extraordinária que a América justamente admira como uma das suas mais representativas figuras no campo do cinema, depois de ter feito fora da Warner o filme «The Sisters Fox», para o produtor Samuel Goldwyn, que a RKO distribuirá, está de novo a trabalhar nos «sets» dos irmãos Warner, onde se pode dizer, tem decorrido a sua carreira cinematográfica.

Sob a direcção de William Keighley, está Bette Davis interpretando o filme «The Man who came to Dinner», um argumento original de George Kaufmann e Moss Hart. Com ela trabalha um núcleo de óptimos actores, dos quais passamos a citar Ann Sheridan, Monty Wooley, um novo nome do cinema, a trepidante Billie Burke, Jimmy Durante, o comediante do nariz descomunal, Grant Mitchell, Richard Travis, George Barbier, Elisabeth Freser, Mary Wickes, Harry Lewis e Charles Drake.

Tony Gaudio, o grande profissional da manivela, é o fotógrafo de «O Homem que veio para jantar».

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

1229 DINHAMÁ *(Lisboa)*. — A tua letra, , a verde ou macerada de roxo, é sempre bem recebida. — *Mulheres* vai longe para falarmos sôbre êsse filme. No entanto, não resisto à tentação de registar o teu comentário: «Mulheres só mulheres — que enjôo». O mal dos outros consôlo é, porque êsse foi uma das qualidades que eu lhe encontrei... Foi bom que a cena de Norma e Stephan ficasse entre os «two» *(sic)*, para me servir da tua própria frase. E isto (vá lá outro rifão), porque entre marido e mulher não devemos meter a colhér...

1230 — ANDY HARDY *(Carvel)*. — O «Carvel», claro, quere dizer Lisboa. A bem dizer, Lisboa é uma aldeia, com muitas Ann Rutherford, poucos Andy, algumas Tias Milly e raros juízes Hardy... — Folgo porque tenhas achado *Pôrto de Abrigo*, menos má do que a pintaram. De muitos espectadores, assim, com tão boa bôca, deve estar o inferno cheio... sobretudo, porque nos cinemas não aparecem... — O nosso camarada de redacção dr. Domingos Mascarenhas assumiu a direcção da Secção Cinematográfica da Emissora Nacional. Do seu talento e do seu valor, há muito a esperar. E bem necessitada estava a radiofonia duma pessoa competente, a falar do cinema.

1231 — FOTOGÉNICA. — Respondo a um postalzinho em que me dizes que, a despeito do pseudónimo, ficas sempre mal nos retratos. O defeito não é teu, mas do fotógrafo, pela certa. No dia em que eu te tirar o retrato ficarás, numa expressão de beatitude, a olhar para mim, de tal forma que te confundirias com a Norma Shearer na pureza da sua expressão e na serenidade maravilhosa do seu olhar.

1232 — ETERNA GAROTA *(Lisboa)*. — Já tinha notado a tua ausência. Mas nunca pensei que fôssem «represálias» pela demora das respostas. Mesmo em guerra, as «represálias» são feias... — «De todos os filmes portugueses que tenho visto, êste é o melhor de todos!» Bravo! Até que enfim que encontro uma «rapariga de boa vontade». Como gostaria de te ouvir o Romain Rolland.

1233 — BEL TENEBROSO II *(Lisboa)* — Com respeito ao pseudónimo temos de conversar... Faz-me muita confusão. Tenho a impressão de que estou a responder por escrito... a mim próprio! — Tôdas as vedetas portuguesas, dum modo geral *(e sobretudo aquelas que estão em actividade)* enviam fotos. Escreve-lhes, por intermédio da nossa revista. — Não te escrevo em cifra, para não quebrar a cabeça aos linotipistas do *Animatógrafo*, que já suam demais para perceber a minha letra.

1234 — DONALDA *(Lisboa)*. — Já em Lisboa?! «I hope so»!... Há vedetas cujos pseudónimos artísticos não estão em relação com a sua sensibilidade e maneira de ser... Daí «desencontros». Êste é o caso daquela a quem receitas «banhos de hipossulfito»... — Achei graça às considerações sôbre o «regresso». Ficas intimada, num dos intervalos a aparecer por lá. Servirei de «cicerone»... E que cicerone!... «Oh! Boy... Oh! Boy... Oh! Boy!...», como diria o Mickey Rooney — Quanto «ao espírito doente»!, gostaria de conhecer o mal, para receitar o remédio. Tenho a impressão de que sou um bom cura de almas, já que falhei a carreira de médico de corpos... Conheces a minha tabuleta: «Bel-Tenebroso», consultas cinematográficas (preços especiais para pobres... de espírito), doenças mentais e vasculares, extra-clínica geral. Tratamentos por telepatia, transmissão de pensamento e correspondência.».

1235 — JOSÉ ANTÓNIO. — Norma Shearer: Metro Goldwyn Mayer, Culver City, Califórnia.

1236 — POPEYE AVEIRENSE DA PARAMOUNT *(Aveiro)*. Que pseudónimo tão indigesto... Uma espécie de enguias, com môlho de escabeche. — Qual a artista francesa mais simpática? A pregunta não permite uma resposta concreta. Eu posso preferir uma, tu podes optar por outra... Quanto a mim, tenho um «béguin» especial pela Marcelle Chantal, com o seu arzinho de fruto maduro. — Transmito as tuas saudações aos leitores, teus conterrâneos.

1237 — UMA BONECA VOLÚVEL *(Funchal)*. — Respondo, duma assentada, a duas cartas tuas. — Não há dificuldades de maior (salvo as da demora da correspondência nas Bermudas, para efeitos de Censura), para escrever aos actores americanos. Podes, pois, escrever ao Tyrone Power, para 20th Century-Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia. — Dizes-me que tens um professor parecidíssimo com o Clarck Gable. Deve ter, por certo, muitas alunas. — Compreendo, perfeitamente, a admiração que tens pelo Victor Francen. É um excelente actor. Tive ensejo de o conhecer, quando êle passou por Lisboa, vindo da América. — Saúdo, por ti, *Bob Taylor, Rey... sem Trono, Benjamina, Donanfer, Romeu sem Julieta* e *Princesa da Selva*.

1238 — INEBRIADO PELAS CINÉFILAS *(S. Bernardo)*. — «Inebriado pelas cinéfilas» deve ser como que uma bebedeira de ópio... — Podes escrever a Graça Maria e Madalena Sotto, por intermédio da nossa revista. — Êste leitor saúda os aveirenses e declara que gostaria de corresponder-se com *Raínha Farida* e *Mickey Roonete*.

1239 — VADÍLIO, ETC. *(Aradas)*. — Tens que arranjar, amigo, um pseudónimo menos extenso e que tenha a vantagem de não devassar as tuas inclinações sentimentais. — Qual é a artista portuguesa mais bonita? De qual gosto mais? Quanto à primeira pregunta, tenho a dizer-te que isso depende do gôsto de cada um. Quanto à segunda: não tens nada com isso... — Êste *Vadílio* gostaria de corresponder-se com *Faranecas, Ld.ª* e *Princesa da Selva*.

1240 — BENJAMINA *(Viseu)*. Muito tens andado, nestes últimos tempos! Não há serra que te não conheça, nem urze que te não haja picado. Há dias, quando li que um aviador aterrou num pico inacessível, chamado do Diabo, creio eu, e que a multidão, cá em baixo, gozava o espectáculo dum salvamento arrojado e perigoso, lembrei-me de duas coisas: primeiro, que um suicida, em Broadway, há anos, deu um espectáculo análogo e que o cinema voluptuosamente gravou o espectáculo, até vê-lo esmigalhar-se no solo; segundo, que só tu, com as tuas botas cardadas, serias capaz de o lá ir buscar. A menos, que êle se atirasse de cabeça... — Voltando ao cinema, espero que as tuas cartas passem a ser mais cinegráficas. — Se tens aprendido pouco de cinema, nestes últimos cinco anos, a culpa de duas uma: ou de maus mestres ou de fugires à escola. Pela minha parte, estou convencido de que sei alguma coisa e sempre que posso gosto de ensinar...

1241 — TRÊS MARIAS *(Lisboa)*. — Vivam as três Marias! Há que tempos não tinha o prazer de te ler. Tomo nota de que as *Três Marias*, tal como os *Três Mosqueteiros*, são... quatro! — Don Ameche nasceu em Kenosha, Wisconsin! O seu verdadeiro nome é Dominic Amici. Formou-se em Direito, mas referiu a carreira cinematográfica, depois de ter actuado nos tablados. Estreou-se em *Sins of Men*, que é como quem diz *Pecados dos Homens*. Tem aparecido em dezenas de filmes e teve um do seu melhor desempenho em *O Grande Milagre*, o filme sôbre a vida de Graham Bell, inventor do telefone. — Judy Garland tem 20 anos. — Norma Shearer, pelo menos que conste, não tornou a casar. O que não impede, claro, que tenha pensado em tal. — Escrevam mais vezes. Tenho muito prazer em vos ler. E repartam, equitativamente, os quatro abraços que envio.

1242 — PSEUDÓNIMO *(S. Bernardo)*. — Assinaste a tua carta com a palavra *Pseudónimo*. Será êste, de facto, o teu pseudónimo Ou tratar-se-á duma distracção?! — Podes escrever a tôdas as vedetas portuguesas, por intermédio de Animatógrafo. — «Na minha ideia» *(sic)*, a artista americana mais bonita é a Edna May Oliver... — Êste leitor oferece um brinde à primeira leitora que lhe escrever.

Bel-Tenebroso

ACTUALIDADES

Acabam de chegar dos Estados Unidos algumas interessantes fotografias, que nos apressamos a mostrar aos nossos leitores. Publicamos hoje três; nos números seguintes publicaremos as outras, que não têm menos interêsse do que estas.

Na primeira, figura o escultor sérvio Yuca Saliamuniche, autor, de um busto famoso do Presidente Roosevelt. Êste artista, que há muito desejava modelar uma «cabeça» de Joan Crawford, pôde recentemente satisfazer a sua aspiração, durante a filmagem de «A Woman's face», a película de George Cukor em que Joan tem a sua maior creação. A foto mostra-o ao lado do seu modêlo e da sua obra.





A segunda fotografia reproduz o dinâmico aperto de mão de Mickey Rooney ao grande (em todos os sentidos!) campeão de «tennis» William Tilden, no final de uma partida travada nos «courts» do Ambassador Hotel de Nova York, quando da última visita a esta cidade do intérprete do «Andy Hardy». Mickey perdeu por 6-2, 6-3, mas deu que fazer a Tilden no segundo «set». Vê-se, no entanto, que a derrota não afectou a sua proverbial boa disposição! Aliás não deslustra ninguém ser batido por Big Bill Tilden. Assegura-se que o conhecido ás apurou que Mickey poderia ter seguido a carreira de «tennista», porque fàcilmente atingiria a craveira dos campeões.

Na terceira foto vemos Greer Garson, Walter Pidgeon e Martha Hunt em alegre camaradagem, durante um intervalo das filmagens de «Blossoms in the dust», de que são os principais intérpretes.



Animatógrafo

DIRECTOR



DIANA LEWIS, a mulher de William Powell, é uma das melhores esperanças de Hollywood. Vimo-la já em «Os Marx no Far-West»

ÊSTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO-BRINDE: JEANETTE MAC DONALD